

Siderúrgicas culpam aço da China pela perda de empregos

Entidades latinoamericanas não querem que país asiático seja reconhecido como economia de mercado

DA REDAÇÃO

Nove associações do setor do aço da América Latina, incluindo o Instituto Aço Brasil, reunidas no Congresso Alacero 57 & ExpoAlacero no Rio de Janeiro destacaram como principal preocupação “a perda de empregos e impacto nas nossas comunidades” se nada for feito contra a concorrência desleal da China. E assinalam que se nada for feito pelos governos, essa concorrência resultará no fechamento de empresas, no desestímulo aos investimentos, em perdas financeiras “e destruição da nossa cadeia de valor metal-mecânica”. Um dos sinais desse quadro já se verificou em Cubatão, onde a usina da Usiminas deixou de produzir aço desde janeiro deste ano.

A siderúrgica reduziu drasticamente seu quadro de trabalhadores na Cidade e hoje se limita a laminar chapas de aço que adquire de outras siderúrgicas litorâneas, entre elas a Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA).

As associações prepararam em conjunto uma carta endereçada aos seus respectivos governos às vésperas da XXV Cúpula Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo, que foi realizado na Colômbia.

O documento reforça o caráter de urgência da difícil situação pela qual atravessa a indústria do aço e sua cadeia de valor metal-mecânica na América Latina, com a consequente perda de empregos e fechamento de empresas. Há na carta um chamado aos governos no sentido de defesa de suas indústrias das práticas de comércio desleais e de seus empregos, o que



Com aço chinês mais barato, siderúrgicas sulamericanas enfrentam grandes problemas para manter preços competitivos no setor

significaria o não reconhecimento da China como economia de mercado.

Na carta, assinalam que “esta problemática se origina na indústria siderúrgica da China (que detém 50% da produção mundial), suas empresas de propriedade do Estado, sua estrutura de subsídios, sua capacidade produtiva que supera muito sua demanda interna,

suas perdas financeiras crescentes e sua conduta comercial desleal, que não se ajusta às regras internacionais de comércio. Em síntese, a China exporta desemprego”.

Para as entidades siderúrgicas, a ameaça da China “é uma realidade reconhecida em nível mundial, como reforça a Declaração de Líderes do G-20, que no início de setem-

bro manifestou que os subsídios e a intervenção direta dos governos causam distorções no mercado, contribuindo a uma sobre capacidade que causa efeitos negativos no comércio e no que é mais grave: nos trabalhadores”.

Segundo a indústria siderúrgica latinoamericana, “a China não respeita as regras internacionais de comércio no setor do

aço. Suas práticas de comércio desleal foram penalizadas por mais de 280 medidas antidumping aplicadas por países membros da OMC. As empresas propriedade do estado chinês devem atuar sob critérios comerciais e de mercado equivalentes às latinoamericanas. As empresas siderúrgicas chinesas recebem múltiplos subsídios e apoios financeiros ilimitados.

Ação contra as práticas desleais

■ No documento que será enviado aos governos latino-americanos, as entidades que representam o setor siderúrgico fazem um chamado aos governos para defender as indústrias das práticas de comércio desleais.

O objetivo é garantir isonomia competitiva frente à China; reforçar os instrumentos de defesa comercial para adequá-los às novas realidades comerciais; ter uma estratégia comum e integral frente ao desafio da China e garantir uma operação aduaneira eficiente e efetiva.

TRANSPARÊNCIA

Recomendam aos governos aplicar uma diplomacia comercial para conseguir que a China, de forma transparente, mostre seus custos reais de produção e reduza sua capacidade de forma significativa e real.

Pedem que os governos defendam a cadeia de valor metal-mecânica, particularmente as pequenas e médias empresas geradoras de emprego intensivo de forma a deter o crescente déficit da indústria metal-mecânica que afeta a cerca de 4 milhões de trabalhadores e suas famílias.

“Na defesa do emprego latino-americano solicitamos aos nossos governos não conceder à China o reconhecimento de economia de mercado. Nossa indústria de aço e nossa cadeia de valor metal-mecânica podem crescer, competir, ser sustentáveis e continuar sendo fonte de trabalho para nossos jovens e de bem estar para as nossas comunidades se contarmos com regras justas, claras e de aplicação a todas as empresas siderúrgicas no mundo”, concluem.